

castelhanas nos ouvidos de Nun'Álvares, em sua boate "Aljubarrota" -, e até a quebra da norma, do registro lingüístico esperado, expressão da desmitificação histórica.

É importante assinalar ainda a presença de dois códigos imagísticos muito significativos: um, de doença e podridão, que reforça a idéia da decomposição do passado e de sua teimosa sobrevivência; e outro, o da navegação, ratificador da errância da viagem em terra dos personagens e que, embora permeie todo o romance, alcança um altíssimo nível poético ao ser empregado para descrever o tão esperado encontro sexual de Diogo Cão com sua envelhecida e fiel apaixonada Tágide-prostituta.

O romance *As naus* é, portanto, uma corrosiva e magistral visão carnavalizadora de Portugal, passado e presente; é um texto fascinante que, ao desentronizar mitos criados pela ideologia oficial, desmascara a vocação portuguesa da nostalgia do Império, que levou o país a perseguir, durante séculos, uma enganosa e cada vez mais distante utopia.

Margarida Alves Ferreira

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O amor natural*. São Paulo: Record, 1992.

O mais artificial amor
O amor que enforma os
versos de Drummond neste livro

se qualifica como "natural" por seguir a ordem da natureza, por ser instintivo ou por integrar a própria índole do autor. Todas essas acepções parecem legítimas no caso, e não se excluem. Entretanto, como, mais uma vez, o leitor do Drummond se depara, acima de tudo, com um fazer poético que se afirma pela condição, pelos saberes, quase por sua solenidade, este amor podia dizer-se bem "artificial": o poeta não se libera de sua tarefa de artífice da linguagem para tratar do sexo.

Evidentemente, isso não protege a obra de escândalos. Haverá quem da leitura saia afirmando gloriosamente que o poeta gostava de sessenta-e-nove e de colto anal. Tolice prestar-se ao trabalho de ler quarenta poemas por tão pouco. Se a transcendência da angústia humana ou da luta social perde neles espaço para os prazeres do corpo, a poesia não se afasta nem se avexa. Só que temos aqui, em vez de duas mãos e um sentimento do mundo, membros, olhos, boca, bunda, e sentidos bem denotativos: tato, paladar, olfato, visão, audição, deliciosamente misturados.

Como os quarenta poemas não são homogêneos, a leitura pode transformar-se em diversas experiências de recriação, questão de gosto. Há poemas com toda uma filosofia de vida que, embora nos remeta ao velho Drummond, faz uma clara opção pelo sensível, renegando qualquer pessimismo schopenhaueriano. Há narrativas

repletas de lirismo, que recuperam vivências do passado, como a da moça que mostrava tudo, menos o "essencial". Há poemas burlescos, como um dedicado à camisinha. Há diversas descrições da relação amorosa, em suas variedades luxuriantes e luxuriosas. Há até mesmo um poema tristíssimo que pode remeter o leitor à Julieta edípica e deslocada:

De arredo motel em colcha
de damasco
viste em mim teu pai morto, e
brincamos de incesto.
A morte, entre nós dois, tinha
parte no colto.
O brinco era violento, misto
de gozo e asco,
e nunca mais, depois, nos
fítamos no rosto.

O livro traz um posfácio de Affonso Romeno de Sant'Anna, que discute os limites entre pornografia e erotismo, lançando para isso mão das idéias de um ensaio de Manuel Gonzalo Etcheverry (o genro argentino de Drummond, escolhido para a leitura dos poemas em 1981) e de uma tese de Maria Lúcia Pazo Ferrelra, que contou com o apoio do poeta nas suas conclusões. Ambos negam a definição meramente pornográfica dos textos.

Affonso Romano propõe também que o erótico passe a "fazer parte natural da obra dos poetas", visto que a ficção brasileira parece ter avançado mais neste sentido. A confusão entre eu poético e eu real

parece associar-se a esse pudor excessivo da lírica.

Entretanto, se levarmos a sério a *História da sexualidade* de Foucault, a opção por falar de sexo é mais problemática do que parece. Ele demonstrou que essa fala vem sendo sistematicamente estimulada no Ocidente, seja pela confissão católica, seja pela psicanálise, seja pela indústria cultural. Trata-se de uma das formas de controle social, embora o poder pareça censurar os discursos do sexo e condená-lo ao silêncio. Assim, se os poetas desvelarem mais amiúde este lado corporal da existência, estarão se prestando melhor às codificações institucionalizadas e às leituras que se apossam dela para legislar, classificar, ordenar.

Parece, pois, que a hesitação de Drummond quanto à publicação destes poemas eróticos não era desarrazoada. Mesmo sendo bem recebida pela crítica, a obra se oferece a usos como este assinalado por Foucault. Só nos cabe torcer para que dela menos predominem leituras abertas e prazerosas, como queria o poeta.

Graça Paulino